

**ANTÔNIO RICARDO FAGUNDES DE OLIVEIRA,
MERAN MUNIZ DA COSTA VARGENS,
VERÓNICA DANIELA NAVARRO**

A edição número 54 do Cadernos do GIPE-CIT, ECOAR - Um reflexo das redes de Pesquisa em Artes Cênicas, reúne 13 trabalhos que compartilham pesquisas/experimentações neste campo artístico: investigações variadas que contemplam diferentes linguagens/modalidades, tais como teatro, dança, performance, cinema, bem como expressões espetaculares da Cultura Popular e da Cultura da Infância. Por meio da partilha de processos criativos e formativos, laboratórios de experimentação, produtos e pesquisas teórico-práticas, o Caderno evidencia trajetórias; objetos; problemáticas, perspectivas metodológicas; fundamentações teóricas e sujeitos/artistas-pesquisadores implicados nas experimentações relatadas, expressando, dessa forma, a pluralidade de abordagens e inquietações que definem a cena contemporânea, bem como os anseios de seus agentes.

Considera-se que a edição proporciona à rede de pesquisadores do campo, artistas e arte/educadores, o acesso a uma variedade de abordagens, relatos e análises que podem contribuir com atualizações relevantes sobre noções e conceitos relativos à Pesquisa em Artes Cênicas, reverberando, por meio das práticas/reflexões/análises, temas transversos relacionados a gênero e sexualidade; a questões étnico-raciais; a diálogos possíveis entre matrizes culturais distintas – que constituem a formação das diversidades identitárias do Brasil, dentre outras questões emergentes que mobilizaram a escrita dos trabalhos aqui apresentados.



Fortalecendo a busca por epistemologias decoloniais, o número contempla dois artigos que trazem como fundamento basilar a cosmopercepção africana, em diálogo com a cena contemporânea, seus processos e suas multilinguagens. Observa-se, ainda, que a corporalidade é um elemento de coesão entre os artigos/ensaios, relacionados abaixo, assim como a autorreflexão do/a artista-criador/a, que, muitas vezes, toma a sua subjetividade como ponto de partida para a investigação cênica. Ademais, é possível perceber que se extrai dos trabalhos um posicionamento político crítico diante dos desafios globais.

O artigo **PRINCÍPIOS SOMÁTICOS E NARRATIVAS DE SI: pesquisa corporalizada para a criação de um solo de dança autoficcional**, de Maria Ramalho Alves Campos e Jonas de Lima Sales, investiga como o saber corporalizado, acessado por meio de práticas somáticas, pode nortear a criação de um solo de dança autoficcional e, simultaneamente, fundamentar a pesquisa acadêmica. Do ponto de vista metodológico, a investigação se baseia na noção de Prática Artística como Pesquisa (*Practice as Research* – PaR), conforme vem sendo desenvolvido pela pesquisadora Melina Scialom.

O ensaio **CORPORALIZAÇÃO E(M) VOCALIZAÇÃO CELULAR: deixar-se tocar-mover pela voz**, de Raquel Parras, tem como proposta relatar, relacionar e refletir sobre experiências vivenciadas ao longo da oficina “Imersão Somática e Voz” (facilitada pelo professor Diego Pizarro, em 2024), identificando e explorando possíveis trajetos e pedagogias – em diálogo com processos de corporalização, aprendizagem e consciência celular. As questões que nortearam a escrita revelaram um caminho para a investigação da artista/pesquisadora, que relaciona corporalização e vocalização – com fundamento em abordagens da Prática Artística como Pesquisa (PaR).

Em **ALÍVIO OU DA NECESSIDADE DE FALAR SOBRE ABORTO: processos de criação cênica e falas em primeira pessoa**, Flaviane Flores Vieira de Magalhães (Fany Magalhães) indaga “como ativar a potência política do ato de contar nossas próprias histórias?”, refletindo sobre processos de criação experienciados, que transitam entre Arte e Política, e articulando vivências e percepções entre a criação artística e a própria militância na Coletiva Basuras. Desse modo, aborda um tema “espinhoso” e urgente na vida de pessoas com útero, que é o aborto. Para tanto, utiliza a perspectiva de autoras como Meran Vargens, Cecília Salles, Adriana Cavarero, bell hooks e se baseia na experiência artística laboratorial.



Rachel Alves Alencar, no texto **A RISADA DA BRUXA OU A BRUXARIA DA PALHAÇA: um ensaio sobre possíveis diálogos entre o feminino e o feminismo**, articula diálogos entre o feminismo e o feminino, a partir da reflexão acerca de caminhos do seu próprio processo criativo, destacando a experiência laboratorial como deflagradora dos processos; apresenta, ainda, momentos em que tanto o feminino quanto o feminismo orientaram a criação de uma dramaturgia, com ênfase na comicidade feminina, que confronta as narrativas patriarcais sobre a sexualidade das mulheres. O ensaio tem como inspiração material autobiográfico e a mitologia da Deusa Lilith. Ademais, utiliza estudos de Virginia Woolf, Silvia Federici, Joice Aglae Brondani, Mirella Faur e Barbara Koltuv.

Em **SOLO FÉRTIL: mulheres em narrativas de nós**, Vivian Schmitz nos traz um relato pessoal, descritivo e analítico, de uma experimentação artística vivenciada junto a outras sete mulheres, apresentando reflexões sobre as peculiaridades do *modus operandi* de processos criativos que se deram entre elas, especialmente quando se trabalhou a partir de narrativas de si. A reflexão se relaciona diretamente com a vivência em um Laboratório de Criação, regido pela artista/pesquisadora Meran Vargens, e com um registro poético-dramatúrgico dos processos da própria autora. Engrossam o caldo dessas reflexões: Virginia Woolf, em sua obra *Um Teto Todo Seu*; e Silvia Federici, com *O Ponto Zero da Revolução* e com *Além da Pele*.

“Queremos pensar um verbete-método [...]. O verbete aqui proposto pode ser usado como uma pista para metodologias das marginalidades”. No ensaio **MONSTRUOSIDADE: o que, no fim das contas, faz de você um humano?**, Saulo Moreira e Paula Lice discutem acepções para as palavras “monstruosidade” e “monstro”, buscando delinear uma categoria *indisciplinar*, que propõe encenar, em tensionamentos produtores, modos de viver juntos. Por essa via, “monstruosidade” abarca tudo que está fora dos contornos normativos do que seria “humano”. Os autores consideram o termo um verbete-método, que viabiliza um traçado “excêntrico” de possibilidades teórico-práticas e metodológicas, particularmente nos processos de subjetivação da Infância. Dessa forma, objetivam inscrevê-lo no glossário de práticas performativas, literárias, audiovisuais e teatrais feitas *com* e *para* crianças.

O artigo **CONVERSA FIADA: criação cênica a partir de gestos da memória**, de Khalil Emmanuel e George Mascarenhas, apresenta as bases de sustentação de um experimento cênico relacionado à pesquisa *Cenas Mímicas - Sarau do Gesto*. A investigação partiu de gestos cotidianos coletados da memória, dos afetos ou da observação direta dos contextos. O trajeto investigativo se lastreia na abordagem metodológica da Prática como Pesquisa para a composição de partituras corporais



e nos fundamentos da Mímica Corporal, de Étienne Decroux. Os artistas-pesquisadores exploraram as saudades e as memórias de pessoas ausentes, descrevendo e discutindo como o resgate dessas memórias impacta no processo criativo, possibilitando a construção de uma dramaturgia permeada por narrativas pessoais.

Tássio Ferreira e Breno César Rodrigues e Silva Terra partilham processos artísticos que utilizam como base a cosmopercepção Banto-Congo, que dá aporte ao conceito de Pesquisa Encruzilhada, diretriz metodológica inspirada nas ensinagens do Candomblé Congo-Angola. Dessa forma, no artigo **NTIMA DYA LUKAYA - MEMÓRIA DO CANTO DAS ÁGUAS DOCES: ancestralidade na cena performativa expandida**, os pesquisadores realizam reflexões sobre o exercício de verter o corpo a diferentes inscrições poéticas a partir de uma série de processos criativos, traduzidos em instalação artística, videoperformance, criação sonora e produção audiovisual. Esses processos de experimentação artística potencializaram-se através de uma imersão no Terreiro de Candomblé Unzó ia Kisimbi ria Maza Nzambi (Simões Filho - BA).

Partindo de um problema identificado em processos formativos e criativos de atores/atrizes: a frequente desconexão entre corpo, mente e emoção, Maria Luiza Tavares Cavalcanti desenvolveu o artigo **IMPERMANÊNCIA E INTERSER: possíveis pilares conceituais na Atuação Cênica**. O texto explora a integração da prática meditativa *mindfulness* com a Pedagogia Teatral, utilizando conceitos budistas de impermanência (*anicca*) e interser como pilares conceituais. A autora investiga como a atenção plena, o desapego e a aceitação da transitoriedade das experiências, incluindo o próprio eu, podem auxiliar nos processos de preparação de atuantes. Através da apreciação de processos de treinamento e de práticas laboratoriais, bem como da coleta de depoimentos de estudantes/praticantes, o artigo defende os benefícios da meditação para a formação continuada dos atuantes, em prol da autoconexão e da superação de bloqueios criativos, dentre outros benefícios relacionados à presença cênica, à propriocepção, à disponibilidade sensível, à autenticidade da atuação e à capacidade de interação.

O artigo **O COSMOGRAMA BAKONGO ENQUANTO TEMPO ESPIRALAR: vivências cênicas de cosmopercepções de mundo bantu**, de Allison Araújo e Likidah Ferreira, busca analisar a interligação entre o conceito de Tempo Espiral, da autora Leda Maria Martins, e o cosmograma *Bakongo*, compreendidos como potentes chaves para a concepção e apreciação de produções cênicas guiadas por metodologias de pesquisa contracoloniais e afrodiaspóricas. O trabalho traz a



performance *Salubá – Hoje é meu dia de nascer de novo*, de Likidah, como possibilidade estética de representação e corporificação da interligação entre esses dois conceitos.

Exaltando expressões espetaculares da Cultura Popular, o artigo **ANARRIÊ NESSA QUADRILHA: o corpo brincante petrificado**, das autoras Ila Nunes Silveira e Denise Maria Barreto Coutinho, apresenta a experiência de brincantes de quadrilhas juninas, realizadas em Feira de Santana-BA no período da pandemia de covid-19. O trabalho analisa experiências do corpo-brincante, compartilhando estratégias artísticas desenvolvidas para mobilizar os corpos em atitude performativa. As autoras utilizam aspectos do pensamento de autores como Mikhail Bakhtin, Lúcia Helena Rangel e Pierre Lévy para articular cultura popular, quadrilha junina e cibercultura ao longo da escrita, que se baseia na *experiência* junto a quadrilheiros que mantêm a tradição viva.

Leonardo Barbosa Cerqueira Duarte, em **O SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO MODERNISTA DE ANTONIONI: o filme *A Noite* (1961) e a cidade modernista sob o olhar de Michelangelo Antonioni**, propõe um olhar sobre a configuração do drama no filme *A Noite*, do cineasta italiano Michelangelo Antonioni. O autor ressalta a visão do cineasta sobre o projeto civilizatório moderno, que tem a cidade como o seu maior advento. A reflexão contempla uma análise à peça *Sonho de Uma Noite de Verão*, de William Shakespeare, tanto como ao filme de Antonioni, dentro de um paradigma de compreensão da modernidade. Para isso, o autor dialoga com David Bordwell, Gilles Deleuze, Jean-Paul Sartre, Jean-Pierre Sarrazac, José Garcez Ghirardi, Sérgio Paulo Rouanet, dentre outros.

Com base em uma metodologia que combina pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, Carluce Couto apresenta resultados parciais de uma investigação mais ampla, por meio do artigo **TEATRO VILA VELHA: arte em meio à repressão**. O texto enfoca o papel do Teatro Vila Velha como espaço de expressão cultural, resistência e enfrentamento político durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985). Apresentando uma descrição de como o Vila estabeleceu vínculos e abrigou artistas, políticos, expoentes dos movimentos estudantis e intelectuais, promovendo atividades “clandestinas”, contestando a censura imposta pelo regime, dentre outras formas de violência e opressão que impactaram diretamente sobre os agentes da arte e da cultura.

Agradecemos a todos os artistas/pesquisadores que colaboraram com a construção da presente edição do **Cadernos do GIPE-CIT**, que apresenta um panorama diversificado que intenciona **ECOAR** e refletir acerca da Pesquisa em Artes Cênicas, em sua pluralidade.